

**POR UMA HISTÓRIA DO AMOR E DAS SENSIBILIDADES: ANÁLISE DO
PROCESSO-CRIME DE DEFLORAMENTO NA CIDADE DE
CAJAZEIRAS-PB EM 1935**

Katiana Alencar Bernardo

Risoneide Silva de Araújo

Orientadora: Rosemere Olímpio de Santana

RESUMO

Este trabalho emerge a partir de resultados adquiridos na pesquisa PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação científica) e de discussões realizadas nos grupos de estudo de gênero e de história cultural. Tendo como fonte de análise um processo crime de defloramento do ano de 1935, no qual buscaremos visualizar a construção do corpo feminino, a partir da análise das relações de gênero, além disso discutiremos as diversas vivências, os amores, as tramas, as subversões, os desejos, as sensibilidades não esquecendo que estes estavam perpassados por um olhar jurídico que por hora ditava normas de condutas, decorridos pelo discurso de advogados, promotores e juizes Sendo assim, refletiremos sobre os interesses presentes dentro dessas relações e como eram criados e recriados os lugares do feminino. O caso analisado nessa pesquisa é muito singular, Trata-se de defloramento, nesse processo, é possível discutir as redes de relacionamento entre as pessoas, os simbolismos utilizados pelos envolvidos para confirmar a culpa ou inocência, a violência naturalizada no que diz respeito as relações sexuais e os jogos de interesses presentes nas relações amorosas.

PALAVRAS-CHAVE: Processos-crime. Sensibilidades. Relações de gênero.

No que tange as relações amorosas percebemos que ainda é um campo pouco discutido na academia, principalmente no sertão paraibano. Entretanto o estudo da história cultural possibilitou no sentido de problematizarmos e percebermos essas relações como capazes de recriar formas de ser e viver, que são entrelaçadas por jogos e relações de interesses, que desde sempre conduzem as práticas que envolvem os sentimentos e gerem as vidas de homens e mulheres. É em meio a essas relações que as histórias de vida vão sendo constituídas e recriadas interligadas a outros espaços socioculturais.

Os sentimentos assim são capazes de administrar a vida de homens e mulheres, essas relações são constituídas e estão presentes em um contexto social e cultural, nesse sentido pensar as emoções dos sujeitos não é algo simples de acordo com Pesavento (2007), “O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo”.

Em meio a essa discussão emerge o projeto que encontra-se em andamento que intitula: " Por uma cartografia das práticas amorosas os crimes de amor enquanto espaço de outras sensibilidades 1890- 1940 Cajazeiras-PB", o projeto objetiva cartografar uma história dos sentimentos e das sensibilidades a partir das análises de processos crimes de sedução e defloramento, como também possibilitar uma discussão entorno das relações de gênero.

Muitos trabalhos já problematizam as fontes judiciais, para tanto muitos destes estavam preocupadas em problematizar o discurso judiciário entorno do cotidiano dos populares, os sentimentos foram durante muito tempo não colocados em evidência, pois as pesquisas estavam mais preocupadas com os discursos normatizadores do que entender essas redes sentimentais que circunscrevia essas relações que estavam presentes nos processos.

O recorte temporal do processo em análise compreende um período marcado pelas discussões sobre os valores morais, principalmente envolvendo as mulheres. O Brasil agora republicano prezava por uma mudança baseada nos moldes europeus, marcada pela modernização não só das ruas, como também dos costumes. Martha Abreu Esteves (1989), discute e aponta como os juristas, tentaram manter um controle social, diante dos costumes dos mais populares a partir de um discurso moralizador que buscava punir aqueles que atentassem contra aquilo que a sociedade instituíra como correto, os comportamentos amorosos dos populares no Rio de Janeiro foram os principais alvos de análise nessa pesquisa.

O trabalho de Esteves (1989) é considerado um clássico, pois, foi um dos primeiros que rompeu com a ideia de uma ideologia dominante sobre os valores morais impostas e consumidos pelos populares, para fugir dessa interpretação a autora utiliza o conceito de circularidade cultural, desta forma, tanto os populares almejam e desejavam os valores morais pregados pelas instituições disciplinares, como também se apropriavam deles. Mas, o inverso não foi discutido, essa "circularidade" só acontecia em uma via.

No entanto, essas transformações não foram as mesmas para todo país é nesse sentido, que problematizamos como na cidade de Cajazeiras esses discursos estavam sendo produzidos e consumidos pelas pessoas comuns que recorriam a justiça para resolver problemas íntimos que envolviam suas escolhas amorosas ou em alguns casos marcado pela violência. Para este trabalho analisaremos um processo de defloramento

do ano de 1935 onde o desenrolar do processo se dá no município de Cajazeiras-PB, no sítio catolé.

Francisca, menor de idade jovem "inocente" e boba, como assim deixa transparecer nos discursos das testemunhas é levada a cometer o ato que mudaria o rumo da sua pacata vida. Amâncio homem "misterioso" que sempre tinha a sua companhia armas, recém chegado nas redondezas do sítio catolé, vai chegando devagarinho e ganhando a cada dia a confiança e atenção da família da dita ofendida, e é nessas visitas demoradas de Amâncio a casa de Francisca e com a permissão da mãe da menor que daria início às eloquentes trocas de "olhares apaixonados".

Amâncio segundo a mãe da menor foi mostrando-se de início um homem "respeitoso" e de boa "índole", incapaz de levantar qualquer suspeita sobre a sua honestidade, esta confiança para tanto foi quebrada a partir da desonra cometida contra a menor Francisca da Conceição. Foi em uma tarde diferente das demais que a sua casa chegou o acusado, lá estando Francisca solitária, sem a companhia de seus familiares, o mesmo a questiona sobre a ausência destes, a menor o responde afirmando que todos haviam ido ao roçado.

É nesse momento que começa o desenrolar dessa história que daria abertura para o surgimento deste processo, Francisca alega que após Amâncio ter a inquirido, ter prometido contar-lhe um grande segredo, mas que usou como condição a sua ida a um riacho nas proximidades de sua casa, a mesma alegando ingenuidade decide o acompanhá-lo, mas que ao chegar ao destino pedido, Amâncio transforma-se em um homem violento e a obriga a manter relações sexuais, apontando-lhe uma arma na cabeça caso a mesma gritasse, assim consegue leva-la ao coito, condenando essa "pobre infeliz".

A mãe da dita menor descobrindo o acontecido, vai até a uma delegacia de polícia e abre uma queixa, é nesse cenário que os jogos de interesses e enunciações são postos, observamos que no depoimento da mãe da menor a arma que o acusado portava até então, não era motivo pelo qual impedisse o convívio e a confiança que fora dada a Amâncio, mas que a partir do momento que necessita evidenciar que esse homem era violento e perigoso a arma passa a ser um artifício sempre apontado nos depoimentos como meio de evidenciação da falta de caráter e da agressividade do acusado.

Ao contextualizar essas falas notamos um jogo de palavras. Amâncio era um administrador de uma fazenda, nos questionamos se o uso da arma naquele contexto e no trabalho que ao mesmo foi incumbido, era algo incomum? E se de fato era, por que

não foi motivo de estranhamento, capaz de impedir o convívio do mesmo com Francisca e sua família? São algumas questões que são postas, ao entrar em contato com os discursos presentes nos processos.

Esses discursos, nos possibilita refletir essas relações, o fato de Amâncio ser um homem recém chegado na região e com pouco tempo ganha a confiança da família de Francisca é no entanto inquietador. Deste modo nos leva a pensar, será que Amâncio era qualquer um? Pelo que podemos analisar, não, pois caso contrário não teria conseguido em tão pouco tempo ganhar a confiança da família da menor.

Percebemos que o cargo que o mesmo ocupava era relevante, tendo em vista o contexto da época, assim possibilitando despertar o interesse da família da menor, dessa forma tomando o mesmo com um bom partido, já que Francisca já contava com a idade de 16 anos, que para a conjuntura do momento seria uma idade apropriada para encontrar um pretendente e constituir um enlace.

A imagem de Francisca em meio a todos os depoimentos é sempre posta como ingênua, boba, recatada e de moral irretratável esses discursos contribuíam para consolidar a imagem defendida como correta para aquela época. Para a justiça a mulher não podia desejar tanto quanto o homem, para ser honesta era necessário negar seus sentimentos ou ser seduzida. Segundo Foucault (1995) "o corpo feminino está preso no interior de poderes que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações". No emanar desses discursos presentes nos processos são determinados lugares, onde percebe-se que era delimitado um ideal de feminino e masculino, o que estes não esperavam eram as astúcias dos sujeitos envolvidos.

Mas será que Francisca era tão inocente a ponto de acreditar em um segredo? Será que ela não poderia perceber as consequências de ir até o Rio? será que ela não poderia imaginar o que aquele lugar lhe reservava? E a troca de olhares apaixonados que a mãe de Francisca demonstra ter existido em um de seus depoimentos, onde fica?

Não pretendemos defender um lado, saber quem está falando a verdade ou não, o nosso intuito é perceber as redes que interligam esses relacionamentos e os sentimentos envolvidos. Grinberg (2009) nos apresenta bem isso, através da discussão metodológica para o uso dos processos- crime, para a autora antes de partir para análise do processo, é necessário entender o que é um processo, e do que ele é constituindo como também entender as leis existentes em cada momento histórico.

Assim, o processo parte de um acontecimento, que não pode ser resgatado, pois estamos lidando com diversas versões e essas são repletas de intenções, o historiador

assim tem como papel, refletir sobre o processo de produção da fonte, perceber as formas como os personagens apresentam cada versão do fato, compreender a realidade com a qual se está trabalhando, entender ainda que os processos são formas de controle social, e que muitas vezes os personagens envolvidos, buscaram estratégias de romper com esse controle, portanto esses conflitos representam o jogo de interesses de cada lado.

Como afirma Certeau (1994), apesar da rede de vigilância, uma sociedade inteira não se reduz a ela, pois existem outros procedimentos populares que jogam com estes mecanismos de disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los. E nesse sentido nos mostra como os sujeitos são capazes de recriar estratégias para driblar o que lhe é imposto, com táticas sutis, silenciosas e camufladas.

É nesse cenário que aparece as redes de interesses e as palavras de enunciações no intuito de defender as suas falas. Amâncio em um dos seus depoimentos alega de fato ter desvirginado a menor, mesmo esse sendo casado afirmava querer reparar o erro casando com Francisca. As palavras de Amâncio nos levar a supor que já existia um relacionamento entre eles.

A fala do acusado nos remete a algumas questões que eram naturalizadas naquele momento, o fato dele demonstrar interesse em casar com a menor possibilita perceber o quão o casamento seria a única maneira de reverter a situação. Até porque o que significa ser desvirginada antes do casamento? A integridade, honestidade estava intrinsecamente ligada a virgindade a perda poderia simbolizar a não realização dos sonhos e anseios que só seria possível a partir da pureza que se remete a conservação do hímen, caso contrário essas poderiam ser renegadas pela sociedade que ditava normas e posturas para o corpo feminino, uma vez que existia uma série de discursos médicos que permitiam a legitimidade dessas questões.

Esses discursos normatizadores, no entanto não resumem a totalidade e complexidade presente nos corpos femininos e masculinos, uma vez que os sujeitos utilizavam de maneiras de burlar e vivenciar suas práticas cotidianas e amorosas. Assim, Louro (2001) concebe que é possível pensar as identidades de gênero como continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se constituindo como masculino e feminino, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições suas formas de ser e estar no mundo, nesta perspectiva pensamos Francisco e Amâncio em suas mulheres múltiplas identidades.

Para pensar essas relações a discussão, pautada a partir das relações de gênero é fundamental. Joan Scott (1989) em seu célebre texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” mostra o quanto as categorias feminino e masculino são amplas, e problematiza ao afirmar que o termo gênero enquanto uso analítico de significações deve ser utilizado politicamente, uma vez que a produção dos discursos que determinam lugares e identidades, está presente nos espaços institucionais.

[...] "homem" e "mulher", são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não tem nenhum significado definitivo e transcendentais; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas (SCOTT, 1989; s/p).

Para tanto é relevante pensar como era constituídos os lugares para Francisca e Amâncio, ressaltando que os discursos colocados pelo processo não consegue dar de conta da complexidades das relações existentes. Os sentimentos aqui também serão retratados, a partir das sensibilidades dos envolvidos, pois as tramas inseridas no documento, mesmo que de forma singular nos permite analisar essas sensibilidades.

As sensibilidades são sutis, difíceis de capturar, pois se inscrevem sob o signo da alteridade, traduzindo emoções, sentimentos e valores que não são mais os nossos. Mais do que outras questões a serem buscadas no passado, elas evidenciam que o trabalho da história envolve sempre uma diferença no tempo, uma estranheira com relação ao que se passou por fora da experiência do vivido (PESAVENTO, 2007, p.15).

Nesse sentido embora os discursos sejam costurados pelo discurso judiciário, esses ainda deixavam transparecer afetos, emoções, sonhos, desejos, angustias, medos e anseios. Não trata-se de querer reviver esses sentimentos, mas de pensar que é possível através dos rastros do passado, tentar explicar como esses poderiam ter acontecidos. Deste modo Francisca e Amâncio como também as testemunhas deixaram transparecer seus medos e desejos através das suas falas.

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos” (PESAVENTO, 2007).

Assim, o caso analisado é muito singular, trata-se de um defloramento, nesse processo, foi possível discutir as redes de relacionamento entre as pessoas, os

simbolismos utilizados pelos envolvidos para confirmar a culpa ou inocência, a violência naturalizada no que diz respeito as relações sexuais e os jogos de interesses presentes nas relações amorosas. Não buscamos tornar a mulher heroína ou vítima dos homens, mas de pensar que na prática, era necessário aprender a jogar com o que se dispunha ou com o que era possível dispor, o que também não significava o fim dos sonhos e das expectativas de homens e mulheres apaixonados.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. vol. 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GRINBERG, Keila. **A história nos porões dos arquivos judiciais**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009. P. 119-139.
- LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História cultural**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html>. Acesso em: 15/02/2014.
- SOIHET, Rachel. Pedro, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero**. Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 27, n. 54. pp. 281, 2007.